

# MÍDIA E TERRORISMO NA SOCIEDADE EM REDE

## Coleção **COMUNICAÇÃO**

**Coordenação:** Antonio Iraldo Alves de Brito

- *Mídia e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso*, Luís Mauro Sá Martino
- *A produção social da loucura*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura*, Lucia Santaella
- *Corpo e comunicação: sintoma da cultura*, Lucia Santaella
- *O escavador de silêncios: formas de construir e de desconstruir sentidos na comunicação*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*, Lucia Santaella
- *A realidade dos meios de comunicação*, Niklas Luhmann
- *É preciso salvar a comunicação*, Dominique Wolton
- *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*, José Marques de Melo
- *Linguagens líquidas na era da mobilidade*, Lucia Santaella
- *Comunicação e democracia: problemas & perspectivas*, Wilson Gomes; Rousiley Celi Moreira Maia
- *Ser jornalista: a língua como barbárie e a notícia como mercadoria*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia*, André Lemos; Pierre Lévy
- *A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade e ubiquidade*, Lucia Santaella
- *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*, Lucia Santaella; Renata Lemos
- *Comunicação e identidade: quem você pensa que é?*, Luís Mauro Sá Martino
- *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo – Tomo I – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: da Escola de Frankfurt à crítica alemã contemporânea – Tomo II – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: o círculo cibernético: o observador e a subjetividade – Tomo III – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: diálogo, poder e interfaces sociais da comunicação – Tomo IV – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O princípio da razão durante: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica – Tomo V – Nova teoria da comunicação III*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *O rosto e a máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico. Nova teoria da comunicação, vol. I*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Teoria e metodologia da comunicação: tendências para o século XXI*, José Marques de Melo (eBook)
- *Comunicação, mediações, interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara (eBook)
- *Revolucionários, mártires e terroristas: a utopia e suas consequências*, Jacques A. Wainberg (eBook)
- *Temas e dilemas do pós-digital: a voz da política*, Lucia Santaella
- *Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais*, Luís Mauro Sá Martino
- *Cultura, comunicação e espetáculo*, Cláudio Novaes Pinto Coelho; Valdir José de Castro (eBook)
- *Net-ativismo. Da ação social para o ato conectivo*, Massimo Di Felice
- *Redes e ecologias comunicativas indígenas*, Massimo Di Felice; Eliete S. Pereira (orgs.)
- *A comunicação que não vemos*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Comunicologia ou mediologia? A função de um campo científico da comunicação*, Ciro Marcondes Filho
- *A carta, o abismo, o beijo. Os ambientes de imagens entre o artístico e o mediático*, Norval Baitello Junior
- *Mídia e lutas por reconhecimento*, Rousiley C. M. Maia
- *Cidade, entre mediações e interações*, Lucrecia D'Alessio Ferrara
- *Teorias da comunicação hoje*, Ciro Marcondes Filho (eBook)
- *Transformações da política na era da comunicação de massa*, Wilson Gomes (eBook)
- *Uma foto vale mais que mil palavras*, Alexandre Huady Torres Guimarães; Fred Izumi Utsunomiya; Ronaldo de Oliveira Batista (eBook)
- *Humanos hiper-híbridos: linguagens e cultura na segunda era da internet*, Lucia Santaella
- *Um brinde à incomunicação: reflexões a partir da Europa*, Dominique Volton
- *Neo-humano: a sétima revolução do Sapiens*, Lucia Santaella
- *Mídia e terrorismo na sociedade em rede*, Lilian Sanches

# MÍDIA E TERRORISMO NA SOCIEDADE EM REDE

Lilian Sanches



*Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.*

**Direção editorial:** Darlei Zanon  
**Coordenação de revisão:** Tiago José Risi Leme  
**Gerente de design:** Danilo Alves Lima  
**Diagramação:** Paulo Cavalcante  
**Impressão e acabamento:** PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Sanches, Lilian.  
Mídia e terrorismo na sociedade em rede / Lilian Sanches. - São Paulo : Paulus, 2023.  
(Coleção Comunicação)

Bibliografia  
ISBN 978-65-5562-806-7

1. Terrorismo e comunicação de massa I. Título II. Série

23-0040

CDD 303.652

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Terrorismo e comunicação de massa



Seja um leitor preferencial PAULUS.  
Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos  
e nossas promoções: [paulus.com.br/cadastro](http://paulus.com.br/cadastro)  
Televendas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2023

© PAULUS – 2023

---

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 • São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-65-5562-806-7

*Para Luiza.*

I stand  
on the sacrifices  
of a million women  
before me thinking  
what can I do  
to make this mountain taller  
so the women after me  
can see farther legacy

*Rupi Kaur*



## SUMÁRIO

---

PRÓLOGO .....	9
CAPÍTULO 1 – Terrorismo no mundo .....	13
As cinco ondas do terrorismo moderno .....	14
Percepção: o terrorismo em números.....	24
Crítica à representação midiática do terrorismo .....	35
CAPÍTULO 2 – Mídia e sociedade em rede .....	43
Convergência e narrativas transmidiáticas.....	45
Opinião pública na sociedade em rede .....	53
<i>Fake news</i> e o fenômeno da curadoria .....	64
CAPÍTULO 3 – A cobertura de ataques terroristas: práxis e desdobramentos.....	75
Comunidades interpretativas e a construção da memória .....	80
O uso das fontes e a recorrência do discurso oficial .....	85
Alternativa: jornalismo humanitário e de paz.....	99
CAPÍTULO 4 – Estudo de caso: os eventos na França e na Somália ....	115
O ataque terrorista de Mogadíscio, de 2017.....	120
O ataque terrorista de Paris, de 2015 .....	135
Terrorismo na mídia: representatividade e distorções.....	147
CAPÍTULO 5 – Reflexões e possíveis caminhos .....	161
REFERÊNCIAS.....	169





## PRÓLOGO

**O**s ataques terroristas, por sua natureza, atendem aos critérios de noticiabilidade histórica e culturalmente adotados em veículos de comunicação de diversas partes do mundo, evidenciando seu forte apelo midiático e o interesse coletivo gerado em torno desse tipo de acontecimento. Entretanto, o descompasso observado entre a cobertura jornalística referente a eventos de mesma magnitude, porém situados em contextos diferentes, aponta o peso da representação midiática que envolve a temática do terrorismo. Considerando-se alguns padrões de abordagem e as narrativas empregadas, a cobertura de ataques dessa natureza influi ativamente no processo de construção da opinião pública, especialmente sua relação de retroalimentação e o reforço de preconceitos e estereótipos. Foi a partir dessa perspectiva que este livro foi idealizado, resultado de mais de sete anos de estudo dos impactos e implicações suscitados pela estreita relação entre terrorismo e mídia. O conteúdo e os achados aqui apresentados são um desdobramento da dissertação de mestrado da autora, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, sob a orientação impecável da professora doutora Cilene Victor, com quem tenho a honra e o privilégio de compartilhar este trabalho, integrado também ao escopo do grupo de pesquisa HumanizaCom.

Ao longo destas páginas, o intuito principal é apresentar ao leitor em que medida e forma a representação midiática da cobertura jornalística dos ataques terroristas ocorridos na África e na Europa Central se desdobra no contexto da sociedade em rede. Como recorte representativo dos dois continentes, foram selecionados os eventos ocorridos em Mogadíscio, Somália, em outubro de 2017, e na capital francesa, Paris, em novembro de 2015, para exemplificar os argumentos abordados ao longo da discussão teórico-conceitual proposta. A escolha desses dois acontecimentos concretos se justifica por ambos dividirem similaridades acerca de critérios que contemplam o número de vítimas, alvos, perpetradores, métodos utilizados e representatividade histórica nos dois países.

Três grandes frentes temáticas norteiam o avanço narrativo, embasando as reflexões referentes ao *jornalismo internacional*, à *sociedade em rede* e ao *terrorismo*. No que diz respeito aos estudos do terrorismo, apresentados já no primeiro capítulo, o postulado do estadunidense David Rapoport atua como eixo central a partir do qual as questões referentes ao tema são problematizadas. A teoria do autor, conhecida como *The Four Waves of Modern Terrorism*, sistematizou o fenômeno a partir do conceito de ondas: contextos e períodos históricos que englobam eventos terroristas com objetivos e características comuns e que podem ou não se sobrepor. O objetivo dessa frente teórica consiste em traçar um panorama contextualizado dos aspectos conceituais, taxonômicos e históricos do terrorismo no mundo, com foco nos movimentos que eclodiram a partir da segunda metade do século passado, visando relacioná-los com as situações de conflito e crises sincrônicas. Sob a luz do pensamento de autores como Zygmunt Bauman e Edgar Morin, foi analisada, ainda, a relação entre terrorismo e mídia, que culmina com a representação midiática desses acontecimentos e seus perpetradores. A problematização do tema, embasada também nos autores Jeffrey Kaplan (2008) e Brigitte Nacos (2003), abarca ainda a apreciação de dados e materiais do consórcio START, principal referência para estudos na área, que, embora não reflita a totalidade das estatísticas

produzidas sobre terrorismo no mundo, é, atualmente, a única base de dados global atualizada periodicamente, chancelada pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos.

No segundo eixo temático, seguimos para a análise de como a nova dinâmica e os valores da sociedade em rede impactam a prática e o papel social do jornalismo, abrangendo a convergência e as narrativas transmidiáticas, numa discussão abrangente dos conceitos de Manuel Castells (1999) e Henry Jenkins (2009), respectivamente. O capítulo que apresenta a temática se propõe ainda a abordar a contribuição do jornalismo para a formação da opinião pública, com base nos fundamentos de Jürgen Habermas (1981, 1997) e Maxwell McCombs (1970, 2008), com apontamentos e contextualização do fenômeno das *fake news* e da curadoria de conteúdo, além de discutir o conceito de visibilidade e discutibilidade na esfera pública digital.

Com foco no desenvolvimento de questões específicas sobre a cobertura do terrorismo e o jornalismo internacional (NATALI, 2005), a terceira frente temática investiga o papel dos jornalistas, como atores sociais, na construção da percepção de realidade e memórias. Na sequência, aborda a própria configuração desses profissionais como comunidades interpretativas, com base no conceito de Barbie Zelizer (2000), a fim de compreender a recorrência de certos aspectos na cobertura de assuntos internacionais e, notadamente, de eventos terroristas, como a reprodução extensiva de discursos oficiais. Nesse mote, o último subcapítulo teórico explana as possibilidades apresentadas pelo jornalismo humanitário e de paz à cobertura do terrorismo na sociedade em rede, com ênfase nos estudos de Martin Scott, Johan Galtung e Willem Kempf.

Com base no estudo de caso comparativo da cobertura de ataques terroristas perpetrados na África e na Europa Central, na investigação da influência da representação midiática na percepção de importância dos acontecimentos, bem como na disseminação de vozes monofônicas, ancoradas no discurso oficial, busca proporcionar melhor compreensão de como a prática jornalística se adaptou à dinâmica da sociedade em rede. Ademais, evidencia

como a construção midiática em torno desses eventos culmina no desenvolvimento de uma percepção social desproporcionalmente distante da realidade dos fatos e na propagação de pânicos morais (McCOMBS, 1980; BAUMAN, 2016).

Apesar de estar presente e influenciar tanto o cotidiano quanto a prática jornalística, a temática abordada neste livro conta com referências bibliográficas e acadêmicas escassas, se comparada aos demais objetos de estudo da área comunicacional. Neste âmbito, visamos também contribuir para que jornalistas, pesquisadores e entusiastas dos objetos de interesse possam, com base nas análises e nos resultados apresentados, ponderar sobre as consequências trazidas pelo modelo sistematizado de cobertura jornalística do terrorismo, considerando a complexidade imposta pela sociedade em rede. Oportunamente, o livro busca, ainda, apresentar dados e fundamentos que contribuam para alterar positivamente o cenário encontrado, por meio de práticas profissionais mais assertivas, que remontem ao papel e à responsabilidade social do jornalismo.

## TERRORISMO NO MUNDO

O terrorismo, embora sem consenso terminológico, é um fenômeno milenar que tem sido estudado por diversos campos do conhecimento, apesar de o conceito, como conhecemos hoje, remontar ao período da Revolução Francesa (1789-1799). Este capítulo se propõe a traçar um panorama contextualizado dos aspectos históricos do terrorismo no mundo, com foco nos movimentos que eclodiram a partir da segunda metade do século passado, visando relacioná-los com as situações de conflito e crises humanitárias sincrônicas.

A problematização da produção científica, o desenvolvimento e a manutenção de bancos de dados acerca do tema também serão abordados, englobando-se a análise documental de materiais do consórcio START, principal referência para estudos na área, como será explicitado detalhadamente mais à frente. Sob a luz do postulado teórico de autores como Zygmunt Bauman, Edgar Morin e Ulrich Beck, será examinada ainda a relação entre terrorismo e mídia, culminando na representação midiática da violência terrorista e de seus perpetradores.

## AS CINCO ONDAS DO TERRORISMO MODERNO

Os ataques terroristas preenchem os critérios de noticiabilidade em veículos de comunicação do mundo inteiro, o que evidencia o forte apelo midiático desse tipo de acontecimento. O jornalista e pesquisador espanhol Florencio Domínguez ressalta a existência inequívoca de uma estreita relação entre o terrorismo e a imprensa, sendo que “são muitos os investigadores deste tipo de violência que colocam o acento tônico dos ataques no elemento midiático” (DOMÍNGUEZ, 1999, p. 111).

A definição do conceito de terrorismo, no entanto, tem sido fonte de controvérsia nos campos acadêmico, jurídico e político. A cada Estado ou nação é concedido o direito de conceituar legislativamente o que é terrorismo. Autores como o suíço Alex Schmid apontam a complexidade do tema e a ausência de uma definição neutra, devido aos vínculos ideológicos do termo “terrorismo“, que pode ser considerado o mais politizado do vocabulário político da atualidade. “Em sua dimensão pejorativa, o destino do termo ‘terrorista’ é comparável ao uso e abuso de outros termos no vocabulário político, como racista, fascista ou imperialista” (SCHMID, 2011, p. 40).

Já Brenda e James Lutz (2010) alegam que uma definição neutra seria possível apenas por meio de uma abordagem restritiva que considerasse somente a natureza do ato em si. A caracterização de um grupo ou ato como terrorista deveria englobar seis elementos principais:

- (1) o uso da violência ou a ameaça de utilizá-la
- (2) feitos por um grupo organizado
- (3) para alcançar objetivos políticos.
- (4) A violência é dirigida contra um público-alvo que se estende para além das vítimas imediatas, que são, muitas vezes, civis inocentes. Além disso,
- (5) embora um governo possa ser o autor da violência ou o alvo, um ato é considerado ato de terrorismo somente se um ou ambos os atores não são um governo. Por fim,
- (6) o terrorismo é uma arma dos fracos (LUTZ; LUTZ, 2010, p. 341).

A partir de uma perspectiva mais complexa, o sociólogo francês Edgar Morin (2011) considera que a noção criada ao redor do termo “terrorismo” é válida para organizações como a Al-Qaeda e o Daesh,<sup>1</sup> cujas ações estão centradas em atentados e assassinatos em massa que têm como alvo as populações civis. No entanto, essa definição seria insuficiente quando aplicada às formas violentas de resistência nacional, privadas dos meios democráticos para se exprimir. O autor faz um resgate histórico, lembrando que o termo já foi empregado pelos nazistas para se referir aos resistentes europeus, bem como, mais recentemente, pelo presidente russo Vladimir Putin em referência aos membros da resistência chechena, que, apesar de contar com um ramo terrorista, não pode ser reduzida a ele. A violência de Estado “que ataca um povo e, ao mesmo tempo, aqueles que resistem a ela é em si mesma uma violência de terror” (MORIN, 2011).

Referência na academia, o estadunidense David Rapoport sistematizou os acontecimentos do terrorismo moderno recorrendo ao conceito de ondas: contextos e períodos históricos que englobam eventos e grupos terroristas com objetivos e características comuns que podem ou não se sobrepor. A teoria, conhecida como *The Four Waves of Modern Terrorism*, foi publicada pela primeira vez em dezembro de 2001, na revista científica *Current History* (p. 419-425). Desde a década de 1880, quatro ondas de terror sucessivas e sobrepostas acometeram o mundo, cada uma com suas características, seus objetivos e suas táticas. As três primeiras duraram aproximadamente uma geração, estimada pelo autor em

---

<sup>1</sup> Optou-se por se referir ao grupo terrorista autointitulado Estado Islâmico com a sigla Daesh. Desde junho de 2014, data de declaração do califado, o nome foi reduzido pela própria organização de Estado Islâmico do Iraque e do Levante para apenas Estado Islâmico (com as siglas “IS” em inglês e “EI” em português). A partir de então, iniciou, no mundo árabe, um movimento contra a nomenclatura e as solicitações formais de representantes muçulmanos, em todo o mundo, para o uso do termo Daesh, em substituição. Daesh é a sigla para *al-Dawlah al-Islâmiyah fi al-'Irâq wa al-Shâm* (Estado Islâmico no Iraque e na Síria) e também um trocadilho em árabe para a palavra “dahes”, que significa “aquele que semeia a discórdia”. Por entender que o termo pode contribuir para a desconstrução da representação midiática nociva e da islamofobia, temas sensíveis para este livro, a escolha da sigla Daesh para as referências feitas ao grupo terrorista fica aqui registrada.